

PATRÃO-MOR AGUIAR

– UM MARINHEIRO CEARENSE

EDSON SCHETTINE DE AGUIAR
Professor da ADESG

Em 27 de março de 1901, na Escola de Aprendizes Marinheiros do Maranhão, alistou-se o menino José Maria de Aguiar, nascido no Ceará, na região de Sobral, em 25 de maio de 1886, e que deixara a sua casa montado em uma jumenta e com meia pataca no bolso.

A época era de grande rigores disciplinares, porém, José Maria, afilhado de N. S. da Conceição, como é comum no seu estado, conseguiu ultrapassar as dificuldades e iniciou a sua escalada na vida marinheira.

Difícil será resumir os percalços que enfrentou em época com grande dificuldades de comunicação, longe da família, no início do século XX, com o Brasil recentemente saído do Império.

Sua persistência, porém, era muito grande.

Alfabetizou-se na sombra dos canhões e procurou sempre cumprir com o seu dever na obediência irrestrita aos seus superiores, muitos com títulos de nobreza e ainda não acostumados aos ventos da República.

Uma década após o seu ingresso na Armada, já era primeiro-sargento e, após alguns anos, suboficial.

Obstinadamente, procurando melhorar a sua carreira, já casado e com filhos, em 1928 conseguiu, depois de muitas dificuldades, tornar-se segundo-tenente patrão-mor, quadro que precedeu o de oficial-auxiliar da Marinha.

A essa altura, já havia servido em um grande número de navios: Encouraçado *Deodoro*, Navio-Escola *Benjamim Constant*, Navio-Escola *Tamandaré*, Encouraçado *Barroso*, Cruzadores *Tiradentes* e *República* e, ainda, no célebre Encouraçado *Minas*

Gerais, do qual foi contramestre e mestre durante muitos anos.

Novas fainas, novos desafios nas Capitâneas dos Portos do Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Transferido para a Reserva compulsoriamente, pelo Estado Novo, em 1935, (ato que contestou durante toda a vida, pois foi uma decisão política), retornou à Marinha em 1937, e nela permaneceu até 1963, um total de 61 anos, dez meses e dias.

Serviu em Ladário – 6º Distrito Naval –, trabalhou no Arsenal de Marinha do Rio, e, de 1949 a 1958, serviu na Capitania dos Portos de Amazonas e, daí por diante, até 1962, na do Pará e Amapá, quando retornou ao Rio de Janeiro e foi desligado em abril de 1963.

Jamais foi punido em toda a sua longa trajetória profissional, ao que tudo indica inédita no Brasil.

Poderia ser considerado um herói anônimo pela sua honradez, alto espírito no cumprimento do dever, consagração à Marinha e seu amor ao Brasil.

Era marujo de alma e sangue, crente nas fainas e um mestre de marinhar, sob o bom tempo ou nas tormentas.

Sua tônica era o mais extremado espírito de disciplina consciente. Tinha a grande preocu-

pação de melhorar o aprendizado profissional a fim de melhor cumprir as suas missões. Ao longo de sua carreira, sempre mereceu por parte de seus superiores os mais amplos elogios pela sua dedicação e seriedade, de seus companheiros a atitude atenciosa e fraternal pelo

alto espírito de solidariedade e, quanto aos subordinados, recebia o respeito devido aos homens que, sem transigir, sabem a todos dedicar compreensão e magnanimidade.

Tinha trânsito livre em toda a escala social devido à ausência de preconceitos e à simplicidade que o impediam de fazer qualquer distinção.

Suas cadernetas estão pontilhadas de elogios pelos êxitos conseguidos desde o início de sua vida profissional e

pelo exemplar comportamento. Eram as duas constantes em seus assentamentos, que resistiram, inclusive, à apreciação dos comandantes mais severos de sua longa carreira.

Apesar do tremendo vozeirão de quem vivia permanentemente dando ordens, era generoso e afável. Dotado de uma memória prodigiosa, contava histórias da velha Marinha com extraordinário sabor, mostrando os mínimos detalhes daquela vida que tinha tido como marinheiro e, como dizia Van Loon, “não podia viver em terra seca. Teria, assim, de ser marinheiro da velha guarda que co-



José Maria de Aguiar
Capitão-Tenente Patrão-Mor



Agência-Escola Flutuante *Patrão-Mor Aguiar*

nhcesse o seu navio de dentro para fora, de fora para dentro, pelo direito e pelo avesso, tanto no bom tempo, como no mau...". Frisava sempre aos jovens marujos que a Armada tinha sido para ele um pai e uma mãe e, para os iniciantes, afirmava que deveriam aproveitar as oportunidades que a nova Marinha oferecia dadivosamente.

Fazia questão de se dizer cearense, natural dos Estados Unidos de Sobral. Era baixote, de corpo rijo e cheio, jamais se separava do cornimboque de rapé e de um charuto que era mais mastigado do que fumado. Tinha a linguagem típica das faíscas do passado da Marinha.

A família do velho marinheiro criou um prêmio, em dinheiro, para o melhor aluno de Escola de Aprendizes-Marinheiros do Ceará. Seu nome é praça no Rio de Janeiro. Em 1982, em Belém, graças à extrema generosidade do ministro Maximiano Fonseca, Patrão-Mor Aguiar passou a designar uma agência flutuante que durante muitos anos prestou serviços à Capitania dos Portos do Pará e Amapá; há uma medalha comemorativa destinada aos melhores alunos

das Escolas de Aprendizes-Marinheiros do Ceará, Pernambuco, Espírito Santo e Santa Catarina. Em 2001, em Manaus, uma nova honraria: a substituição da "velha" *Patrão-Mor* por uma agência-escola flutuante, moderna, com sala de aula para 25 pessoas, objetivando o aprendizado profissional.

Este é o retrato de meu pai. Toda uma vida de exemplo de marinheiro e patriota. Fez de seu trabalho um hino. Foi rigoroso quando necessário, brando sem tibieza, cumprindo o seu dever com inteligência, arcando com as tarefas mais estafantes, indiferente às posições cômodas. Só deixou de trabalhar quando morreu, ao apito do "arcanjo da morte", em 19 de junho de 1963, quando o corpo que sofrera a dura infância, pisando com os pés descalços os cascões retorcidos do solo ávido de chuva do sertão cearense, finalmente descansou. Estava com 77 anos, pois havia nascido em 25 de maio de 1886. Em seu túmulo está escrito: "Foi uma vida de exemplo; exemplo de marinheiro, de marujo cearense. Serviu 62 anos à Marinha do Brasil e, partindo do nada, formou um patrimônio moral edificante na sua classe."

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<NOMES> / Patrão-Mor Aguiar /; Aguiar, José Maria de (Patrão-Mor); Centenários;

O passeio à Ilha ocorre de quinta a domingo, às 13h, 14h30min e 16h, saindo do cais do Espaço Cultural da Marinha, à Av. Alfred Agache s/nº, na Praça XV.

Informações:

(0xx-21)

2233-9165



O Último Baile da Ilha Fiscal

A orquestra tocava animada. Belas mulheres desfilavam pelo salão, ostentando vestidos suntuosos. Os homens, trajando casacas ou elegantes uniformes, falavam sobre política, histórias de guerra, batalhas navais. Lá fora, o som das ondas do mar complementava os acordes dos violinos. O cenário era perfeito. A Ilha Fiscal, construída com requinte para servir como posto alfandegário, recebia com pompa a oficialidade do encouraçado chileno *Almirante Cochrane*.

Ninguém poderia imaginar que aquele seria o "Último Baile do Império". Alguns dias depois, era proclamada a República. Uma nova era na História do Brasil se iniciava.

A Ilha fiscal continua sendo um elo entre o presente e o passado. Em 1913 foi adquirida pela Marinha em troca do Vapor *Andradã*. Décadas se passaram e o castelinho, que testemunhou tantos fatos históricos, é hoje uma das principais atrações turísticas do Rio de Janeiro. Aberto à visitação, inclui em seu roteiro o Torreão, a Ala do Cerimonial e exposições permanentes. Venha conhecer este símbolo dos últimos dias do Império, e muito mais, como a participação e os projetos da Marinha na Antártida!